



Revista
Educar Mais

Bullying: o que as escolas de Picada Café, com maior IDEB no RS estão fazendo para combater

Bullying: what the Picada Coffee schools, with the highest IDEB in RS, are doing to combat

Acoso: lo que están haciendo para combatir las escuelas de Café Picada, con el IDEB más alto de RS

Neusa Vanderleia Castro Wittmann¹  ; Luciane Dittgen Miritz² 

RESUMO

O bullying pode ser considerado a ponta do iceberg da violência nas escolas e precisa de intervenções capazes de enfrentar os aspectos que impulsionam esse tipo de violência, buscando incentivar valores e atitudes de respeito e paz no ambiente escolar. O presente estudo buscou verificar o que as escolas do Município de Picada Café, com maior índice do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) no Rio Grande do Sul, estão fazendo para combater este tipo de violência. De acordo com o presente estudo, estas escolas reconhecem que há bullying e mantêm políticas claras com relação ao tema. Trabalham com textos, palestras, filmes, conversas e entre outros, buscam a aceitação e respeito ao próximo.

Palavras-chave: Bullying, cyberbullying, violência, ambiente escolar.

ABSTRACT

Bullying can be considered the tip of the iceberg of violence in schools and needs interventions capable of tackling the aspects that drive this type of violence, seeking to encourage values and attitudes of respect and peace in the school environment. The present study sought to verify what schools in the Municipality of Picada Café, with the highest index of IDEB (Basic Education Development Index) in Rio Grande do Sul, are doing to combat this type of violence. According to the present study, these schools recognize that there is bullying and maintain clear policies regarding the topic. They work with texts, lectures, films, conversations and among others, seek acceptance and respect for others.

Keywords: Bullying, cyberbullying, violence, school environment.

RESUMEN

A análise do processo de ensino aprendizagem na 4ª etapa da educação de jovens e adultos se deu em razão El bullying puede ser considerado la punta del iceberg de la violencia en las escuelas y necesita intervenciones capaces de afrontar los aspectos que impulsan este tipo de violencia, buscando fomentar valores y actitudes de respeto y paz en el ámbito escolar. Este estudio buscó verificar qué están haciendo las escuelas de la ciudad de Picada Café, con el índice IDEB (Índice de Desarrollo de la Educación Básica) más alto en Rio Grande do Sul, para combatir este tipo de violencia. Según este estudio, estas escuelas reconocen que existe acoso escolar y mantienen políticas claras sobre el tema. Trabajan con textos, conferencias, películas, conversaciones y entre otros, buscan la aceptación y el respeto de los demás.

Palabras clave: Educação de Joven e Adultos; Metodologías.

¹ Administradora de Empresas, Graduada em Formação Pedagógica e Especialista Gestão Pública. E-mail: neusawittmann@gmail.com

² Doutora em Administração e Professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) Palmeira das Missões/RS - Brasil. E-mail: luciane.miritz@ufsm.br

1. INTRODUÇÃO

O *bullying* é um fenômeno antigo, porém os estudos sobre o tema deram início por volta dos anos 70. Este fenômeno pode se manifestar de diferentes formas, mas de forma intencional e recorrente, podendo ocorrer sem motivo aparente, onde alguém está em desvantagem com relação a outro ou outros. Pode ser violência física, verbal, exclusão, ignorar, ridicularizar, causar dano aos pertences da vítima ou mesmo difamar fomentando complôs, intimidando e causando sofrimento à vítima. Lembrando que discussões e brigas pontuais não são *bullying*.

Também existe o *cyberbullying* que consiste em causar humilhação por meios eletrônicos. De acordo com Silva (2009), este tipo de violência não é menos importante, visto que o uso de tecnologias é muito comum e pode expor negativamente uma pessoa ou alguém pode se esconder atrás da tela para prejudicar o outro. Silva (2009), afirma que os professores precisam orientar os alunos sobre o uso responsável das tecnologias, bem como alertar sobre seus perigos.

Segundo Santos, Perkoski, Kiene (2015), o *Bullying*, na percepção de professores e alunos do ensino fundamental, de pós-graduação em psicologia feito com 83 estudantes e seis professores, de escolas públicas na cidade de Florianópolis SC, 98,8% dos alunos relataram já ter testemunhado agressões na escola.

Dentre os distúrbios comuns gerados pelo *bullying* estão a solidão, baixa autoestima, baixo rendimento escolar, ansiedade das vítimas, tristeza no ambiente escolar, instabilidade emocional, entre outras complicações que podem se configurar em preocupação para a saúde pública. Conforme estudo de Harter (2005), há uma relação forte entre a depressão e a autoestima.

Quanto aos agressores, estudos apontam alterações de conduta. Também são considerados em vulnerabilidade, sendo indicado tratamento psicológico. Muitos agressores vivem em um ambiente de violência, fator que pode estar relacionado com o consumo de fumo e álcool. Estes, valorizam a violência física ou psicológica como forma de obterem poder. É possível que mais tarde, após o ingresso no mercado de trabalho que esses agressores tendam a continuar a fazer *bullying* ou danos morais no ambiente profissional também.

Sobre os espectadores, Silva (2009) entende que há os espectadores passivos, que não tomam atitude, normalmente por medo de também se tornarem vítimas; os espectadores ativos que se manifestam com palavras de incentivo aos agressores e risadas. Neste grupo podem ser encontrados os verdadeiros articuladores camuflados.

Por fim, os espectadores neutros que se omitem, contribuindo, dessa forma, para o crescimento da violência.

Segundo Neto e Saavedra (2004) em seu estudo, apontaram que 51,8% dos autores de *bullying*, afirmaram que não receberam nenhum tipo de advertência ou orientação sobre seus atos, ainda assinalam que para um bom ambiente na escola, é preciso que os professores conversem e escutem atentamente as reclamações ou sugestões dos alunos, orientar para que os casos de *bullying* sejam informados, reconhecer e valorizar as boas atitudes. A escola também deve admitir que é um lugar propenso a *bullying*. Para Silva (2009), o *bullying* ocorre em todas as escolas, "...em 100% das escolas de todo o mundo, públicas ou particulares" (SILVA, 2009, p.117).

O objetivo geral deste estudo é observar como as escolas com o maior IDEB no RS trabalham com os casos de *bullying*. Os objetivos específicos deste estudo pretendem trazer uma compreensão sobre este tema tão importante e que ocorre nas escolas de todo o país. Também orientar professores e sociedade para não ignorar este tipo de violência, bem como trazer exemplos de escolas que estão tendo bons resultados no enfrentamento do *bullying*.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

É preciso ter sensibilidade para perceber a violência silenciosa que ocorre em nossas escolas. O *bullying* é caracterizado pela repetição, não é uma brincadeira do acaso. Quem pratica o *bullying*, é conhecido como *bully*. De acordo com Tognetta e Vinha (2010), uma das características do *bullying* é que há uma plateia que ironiza e apoia esse tipo de violência.

O *bullying* pode ocorrer de diferentes formas como violência física ou psíquica causando constrangimentos, angústia e sofrimento. Esse tipo de violência pode causar traumas nas vítimas, podendo gerar transtorno de pânico, depressão, estresse, baixar o desempenho do aluno na escola, aflorar sentimento de vingança e entre outros problemas, eles podem cometer suicídio. Por isso o assunto deve ser considerado um problema não somente das escolas, é também de saúde pública.

De acordo com Lopes Neto (2005) diminuir a incidência do de *bullying* nas escolas pode ser uma ação de saúde pública concreta para o século XXI.

Fazem parte do cenário do *bullying* as vítimas, os agressores e as pessoas que assistem o fenômeno. Para Silva (2009), entre as pessoas que assistem, há as que podem agir de forma passiva, que sentem medo de interferir, os ativos que incentivam os *bullies*, podendo neste meio estar camuflados os mentores.

Para Lopes Neto (2005), há os observadores (aqueles que assistem) ou defensores (quando protegem a vítima) e os incentivadores (incitam a violência). Ainda Lopes Neto (2005) acredita que alguns aderem ao *bullying* por pressão dos colegas e que quando os colegas agem protegendo a vítima, os autores notam que não detêm o apoio de todos, o que Neto considera bom. No grupo dos incentivadores pode estar o verdadeiro mentor da violência.

Os professores precisam identificar este tipo de violência, trabalhar este assunto em aula e dar apoio aos que precisam.

Por vezes a mídia divulga alguns casos de *bullying* no ambiente escolar, como o caso da bbc.com que no dia 24/06/2018, divulgou uma matéria sobre Mallory, uma linda menina que aos 12 anos cometeu suicídio após meses sofrendo *bullying* em uma escola nos EUA. Os pais afirmaram que a escola ignorou as queixas que faziam sobre os *bullying* que a filha sofria.

Em geral, não dispõe de recursos, status ou habilidade para reagir ou cessar o *bullying*. Geralmente, é pouco sociável, inseguro e desesperançado quanto à possibilidade de adequação ao grupo. Sua baixa autoestima é agravada por críticas dos adultos sobre a sua vida ou comportamento, dificultando a possibilidade de ajuda. Tem poucos amigos, é passivo, retraído, infeliz e sofre com a vergonha, medo, depressão e ansiedade. Sua autoestima pode estar tão comprometida que acredita ser merecedor dos maus-tratos sofridos. O tempo e a regularidade das agressões contribuem fortemente para o agravamento dos efeitos. O medo, a tensão e a preocupação com sua imagem podem comprometer o desenvolvimento acadêmico,

além de aumentar a ansiedade, insegurança e o conceito negativo de si mesmos. (LOPES NETO, 2005, p. 4).

Este estudo buscou verificar o que as escolas do município de Picada Café, com maior IDEB no RS, estão fazendo com relação ao tema. As escolas estudadas afirmam que acontecem casos de *bullying*, mas que eles estão trabalhando sobre o assunto com os alunos. Estas escolas não ignoram este tipo de violência e nem acham normal, contudo, sabem que é um trabalho contínuo e que nem sempre é fácil.

Para diminuir a incidência de *bullying*, o artigo de Santos, Perkoski e Kienen (2015), indicam para que as escolas planejem estratégias que visem a prevenção do *bullying*. Criar um bom ambiente escolar, discutir com os alunos sobre a necessidade de proteger as vítimas de *bullying* e não cometerem agressões contra seus colegas.

“Exemplos bem-sucedidos podem ser encontrados em todo o mundo, desde trabalhos individuais e comunitários em pequena escala, até políticas nacionais e iniciativas legislativas.” (LOPES NETO, 2005, p.2).

No entanto, três documentos legais formam a base de entendimento com relação ao desenvolvimento e educação de crianças e adolescentes: a Constituição da República Federativa do Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas. Em todos esses documentos, estão previstos os direitos ao respeito e à dignidade, sendo a educação entendida como um meio de prover o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania. Todos desejamos que as escolas sejam ambientes seguros e saudáveis, onde crianças e adolescentes possam desenvolver, ao máximo, os seus potenciais intelectuais e sociais. (NETO, 2005, p. 2).

De acordo com o artigo científico de Crochik et al (2014), a nossa sociedade faz apologia à força, tanto física quanto intelectual, por exemplo, nomeia um superior para mandar no inferior. Ainda para Crochik et al (2014), o *bullying* afirma a estrutura hierárquica. Em seu estudo faz uma análise comparativa entre a escola estudada A com relação à escola estudada D, ambas públicas de São Paulo. A escola A, considerada um modelo positivo de escola, possuía projetos que implicavam em discussão e reflexão sobre *bullying*. A escola também desenvolveu uma pesquisa sobre o tema com os alunos do ensino fundamental, que é uma forma de ouvir e abordar o assunto, o que pode ser considerado um ponto muito positivo e Neto e Saavedra (2004) em sua pesquisa relataram que 41,6% dos alunos alvos admitiram não ter falado a ninguém sobre seu sofrimento. Para Lopes Neto (2005), o silêncio só é rompido quando os alvos sentem que serão ouvidos, respeitados e valorizados.

Na escola D, os índices de violência eram maiores, havia problemas na relação entre os professores e os alunos, bem como relatos de violência. Esta escola declarou não possuir política para enfrentar o *bullying* e apresentou uma explicação simples do problema, atribuindo diretamente à comunidade. A justificativa seria porque havia problemas de violência no bairro onde a Escola se localiza (CROCHIK et al, 2014).

Para Lopes Neto (2005), existem famílias desestruturadas, com problemas de maus tratos e violência que podem contribuir para a agressividade deste aluno na escola. Por outro lado, há alguns pais que se sentem incapazes ao verem seus filhos sendo alvo de *bullying*, outros ainda podem se mostrar com raiva ou indiferentes.

Entretanto, o fenômeno ocorre em escolas de todo o mundo e em escolas de várias classes sociais, então a culpa não é de apenas um fator, o que sugere que o *bullying* precisa ser melhor estudado e compreendido. De acordo com os relatos do presente estudo, são diversos os fatores que causam este tipo de violência, tais como não conseguir acompanhar as tarefas, por ser destaque, aparência, jeito de ser, etc.

No artigo de Crochik et al (2014), uma diretora afirmou que alguns programas humorísticos criam os tipos de alunos, mas, os alunos que se assemelham a estes tipos, serão os que irão sofrer *bullying* na escola. Se percebe a influência das mídias na sociedade, elas poderiam contribuir muito no combate a este tipo de violência.

Os professores precisam ser instruídos para perceber o *bullying* em sala de aula. De acordo Neto e Saavedra (2004), 60,2% dos alunos afirmaram que o bullying ocorre mais frequentemente dentro das salas de aula; 80% dos estudantes manifestaram sentimentos contrários aos atos de *bullying*, como medo, pena, tristeza, etc. Estes dados permitem conceber que os alunos percebem este tipo de violência, no entanto a maioria dos estudantes não concorda com *bullying*.

O envolvimento de professores, funcionários, pais e alunos é fundamental para a implementação de projetos de redução do bullying. A participação de todos visa estabelecer normas, diretrizes e ações coerentes. As ações devem priorizar a conscientização geral; o apoio às vítimas de bullying, fazendo com que se sintam protegidas; a conscientização dos agressores sobre a incorreção de seus atos e a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro. (LOPES NETO, 2005, p.6).

As escolas de Picada Café estudadas podem ser consideradas um modelo a ser seguido pela comunidade na região. Os ambientes são de acolhimento, aprendizado e saudáveis. Estas instituições colhem os frutos de seu trabalho e o IDEB, Índice de desenvolvimento da Educação Básica destas escolas é o maior do RS, com 8,3 pontos. A média nacional avançou em 5,9 pontos, segundo a matéria de Tokarnia (2020), tanto nas escolas públicas quanto particulares.

A título de reflexão, deixo estes dados aqui apontados para percepção sobre as diferentes frentes em que a educação precisa avançar, entre elas o combate à violência e a promoção de um ambiente mais saudável para o desenvolvimento das crianças.

Trata de um estudo de campo onde foi feita uma pesquisa com as escolas públicas e municipais no município de Picada Café RS, cidade com maior IDEB no estado com 8,3, para verificar como é tratado o *bullying* por estas instituições. Foi considerado do Ensino Fundamental até o Ensino Médio.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Participaram deste estudo um representante de cada escola pública do Município de Picada Café RS, considerando Ensino Fundamental e Médio, em um total de três pessoas, com seis questões, através de um questionário. O número de participantes foi reduzido em função da pandemia de Covid 19. Foi uma pesquisa mista com amostra de pessoas chave que permitiu explorar o tema. Contudo, ainda assim foi possível verificar de que forma as escolas com maior IDEB do RS, trabalham o tema *bullying*.

Os dados foram coletados no mês de novembro de 2020, por meio de uma pesquisa qualitativa aplicada em três escolas sendo uma estadual e duas municipais, representando as escolas públicas do Município de Picada Café RS. A pesquisa pode ser considerada qualitativa porque havia questões abertas, nos contando sobre as experiências das escolas, se a escola possui políticas claras sobre o

tema, se já fizeram alguma ação para tratar o assunto e como são tratados os casos de *bullying* nestes locais.

O objetivo foi verificar de que forma estas escolas estão trabalhando com relação ao *bullying*. Em função da pandemia de Covid 19, que está acontecendo atualmente, apenas um representante de cada escola respondeu o estudo via e-mail.

Participaram da pesquisa as seguintes escolas: Escola 1 – E.M.E.F. Santa Joana Francisca; Escola 2 - E.E. Médio Décio Martins Costa; Escola 3 - M.E.F. 25 de Julho. Nas análises foram utilizadas escolas 1, 2 e 3 para melhor identificar os dados.

4. OS RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira questão, a qual abordava se o professor soube de algum caso de *bullying* em sua escola, mostra que todas as pessoas que responderam o questionário, souberam de algum caso de *bullying* na escola, demonstrando ser um tema conhecido nas escolas estudadas. E os exemplos mostram que o *bullying* pode ocorrer de diferentes formas. Foram apontados alguns motivos, como a cor da pele, "Infelizmente vivemos numa sociedade ainda bastante preconceituosa." (Relato da respondente da escola 1). A respondente da escola 2 cita diversos motivos: não conseguir acompanhar as tarefas escolares, por ser portadora de necessidades especiais (física), por ser destaque nas atividades e etc. A respondente da escola 3 cita a sua aparência e jeito de ser.

Para Cole, 1991, os rótulos e julgamentos influenciam a nossa opinião sobre nós mesmos. Provavelmente, segundo ele, crianças que ouvem elogios terão uma autoestima melhor do que as que ouvem críticas negativas.

"Pessoas diferentes têm a fabulosa missão de nos ensinar o respeito, a tolerância e o aprendizado que as adversidades são capazes de gerar". (SILVA, 2009, p.85).

Sobre a questão número 2, se a escola possui normas de como lidar com os casos de *bullying* e pediu para citar exemplos, todas as escolas estudadas afirmam possuir normas claras para lidar com estes casos. Os exemplos foram:

(Escola 1) - A escola possui regras de convivência elaboradas no início do ano em assembleia de alunos e com aprovação dos pais, também em assembleia. Nas regras consta como vedado ao aluno: Humilhar ou constranger colegas e/ou educadores com apelidos, deboches e provocações entre outras atitudes de desrespeito.

E caso acontecer algum episódio de *bullying* os alunos são chamados para conversa e para os devidos encaminhamentos.

(Escola 2) - No início do ano letivo são revisadas as regras de convivência com todas as turmas.

Na assembleia de pais e em reuniões por turma também as regras são esclarecidas, tanto é que os pais têm conhecimento de que devem vir na escola para esclarecer quaisquer dúvidas no decorrer do ano letivo.

Os professores destacam esta temática junto às demais, através da literatura, vídeos, filmes, mesa redonda e etc.

A escola também possui a CIPAVE (Comissão Interna de Prevenção a Violência Escolar), em que são realizadas ações junto as turmas sistematicamente e os professores que atuam na Comissão passam por treinamento, através da SEDUC e em parceria com a UCS, UFGRS, AJURIS e etc.

Está integrada no sistema CIPAVE, assinalando os casos que já tenham ocorrido no ambiente escolar desde 2017, assim como são inseridas as ações da escola na prevenção e valorização à diversidade.

(Escola 3) – Sempre que acontecem situações de *bullying*, adotamos alguns procedimentos: Conversamos com as partes envolvidas, orientamos e esclarecemos por que isso não pode acontecer e ficamos atentos para que não haja reincidência dos fatos. Caso necessário, chamamos os pais dos alunos envolvidos para que tenham conhecimento do que está acontecendo para que também nos auxiliem neste sentido.

Já a questão número 3, pergunta se a escola desenvolveu estratégias para evitar casos de bullying e as três respostas foram 100% sim. A questão pedia também para a respondente citar uma estratégia da escola. As estratégias citadas foram:

(Escola 1) São ações como: rodas de conversa, dinâmicas de grupo, professores trabalhando em sala de aula com assuntos, textos, filmes... Sobre a questão do *bullying*, enfim, conscientizando nossos alunos sobre empatia, aceitação e respeito ao próximo.

(Escola 2) Palestras com psicólogos, conselheiros tutelares, policiais civis, policiais militares e professores. Projetos de estudo por iniciativa dos professores e incentivados pela Equipe Diretiva. Projetos transversais.

(Escola 3) Em nossa escola já acontecem projetos realizados por turmas tratando desse assunto e alguns professores também abordam este tema nas aulas de Português, Cultura Religiosa...

Essa questão demonstra que as escolas estudadas reconhecem a existência desse tipo de violência e possuem estratégias como conversas, filmes, entre outras formas de trabalho sobre o tema. Todas as escolas estudadas apresentam estratégias de combate ao bullying. Estas estratégias podem servir como forma de inspirar outras escolas a também implementar estratégias de combate ao bullying, de acordo com a realidade de cada local.

Segundo Silva (2009), o *bullying* é uma forma de violência que precisa ser reconhecida. A falta de conhecimento sobre o assunto e as omissões pode contribuir para o aumento dos casos.

A questão número 4, que pergunta se a escola já desenvolveu algum projeto sobre o tema, demonstra que todas as escolas estudadas já promoveram algum projeto sobre o tema.

De acordo com Silva (2009), as escolas devem reconhecer a existência de *bullying*, capacitar seus professores para identificação e intervenção dos casos; podem estimular os alunos a escrever uma autobiografia, documentada por computador e enviada por e-mail que garanta o anonimato a fim de que sejam revelados seus sentimentos e emoções. Também se pode trabalhar o tema através de teatro onde haja os "mocinhos e os vilões", os papéis podem ser trocados e vice-versa.

Na questão número 5, questiona se o participante deste estudo considera efetiva as ações de sua escola no combate ao *bullying* e o porquê?

Das pessoas que participaram 67% consideraram efetivas as ações da escola no combate ao bullying. Já 33% consideram que nem sempre se consegue atingir os objetivos. Quando perguntado sobre o porquê da resposta, eles responderam:

(Escola 1) - Às vezes. Nem sempre conseguimos atingir os objetivos e se faz necessário retomar ou planejar outras ações para que haja resultados positivos.

(Escola 2) – Sim, a partir do momento em que a CIPAVE foi instituída na escola, o tema foi abordado e os alunos começaram a entender de que nem todas as brincadeiras eram tão inocentes assim e puderam diferenciar o que era *bullying*. Até porque a lei foi criada recentemente.

Junto ao tema também puderam ser trabalhados os Direitos Humanos e outros que como o Estatuto da Criança e adolescente, o Estatuto do Idoso, Lei Maria da Penha, uso adequado das mídias o *cyberbullying* entre outros.

(Escola 3) – Sempre conseguimos resolver as situações de *bullying* dentro da escola, conscientizando, alertando, buscando saber os motivos e orientando sobre as consequências do *bullying*.

A questão demonstra que lidar com as diferenças ainda é um desafio. De acordo com o artigo 245 do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de 1990), a omissão dos profissionais da escola é uma infração.

Silva (2009) afirma que a luta antibullying deve ser contínua e desde cedo, já nos primeiros anos dos estudantes.

Sei que eliminar o bullying entre os nossos jovens é uma tarefa árdua, cansativa e, por vezes, frustrante. Entretanto, não devemos desistir, pois em última instância, o que está em jogo é a esperança de vivermos numa sociedade mais justa. (SILVA, 2009, p. 175)

A questão número 6 pergunta se os participantes deste estudo, conhecem a Lei nº 13.185, de 06 de novembro de 2015, que institui o programa de combate à intimidação sistemática (*bullying*). Todos os respondentes afirmaram conhecer. Esta lei caracteriza o que é considerado bullying e entre os objetivos desta lei está a prevenção e combate deste tipo de violência em toda a sociedade.

Já está mais que na hora de políticos de todos os estados brasileiros tomarem consciência da importância do combate ao *bullying*. A imprensa e os grandes veículos de comunicação têm como tarefa divulgar o assunto, contribuindo para a conscientização de toda a sociedade. (Silva, 2009, p.119, 120)

As escolas aqui estudadas envolvem os professores, pais, alunos e alguns integrantes da sociedade para palestrar. Admitem que é um trabalho constante, por vezes frustrante, dado a complexidade do tema.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo era mostrar o que as escolas de Picada Café, com maior IDEB no Rio Grande do Sul, trabalham acerca do bullying. Percebe-se que estas escolas reconhecem e trabalham continuamente o fenômeno *bullying*. Elas possuem normas claras de como lidar com o *bullying*, desenvolveram estratégias e já promoveram algum projeto sobre o tema.

Este estudo permite refletir sobre o fenômeno e encontrar exemplos de como lidar com esse tipo de violência.

Exemplos de sucesso podem ser encontrados em todo o mundo, desde trabalhos individuais e comunitários em pequena escala, até políticas nacionais e iniciativas legislativas. (LOPES NETO, 2005).

O primeiro passo é reconhecer que o *bullying* pode acontecer de diferentes formas e é um tipo de violência que precisa ser considerado e reconhecido pelas escolas e toda a sociedade. Também considerado um problema de saúde pública dado as implicações na saúde das crianças que sofrem *bullying*.

Para Lopes Neto (2005), tanto as vítimas, quanto os agressores e as testemunhas, podem enfrentar consequências emocionais ou físicas que podem gerar dificuldades acadêmicas, sociais ou até legais mais tarde.

É preciso ter políticas claras de combate ao *bullying*, trabalhar o ano inteiro sobre o tema buscando a conscientização e introduzindo valores de aceitação e de respeito ao próximo.

Dedico este estudo a todos que sofrem ou já sofreram *bullying*. Que a sociedade, escolas e meios de comunicação possam transmitir às novas gerações valores de tolerância às diferenças, paz e respeito ao próximo.

6. REFERÊNCIAS

HARTER, S. Self-concepts and self-esteem, children and adolescents. In: FISHER, C. B. & LERNER R. M. (Eds.), **Encyclopedia of applied developmental science**. p. 973-977. 2005.

BRASIL. Senado Federal. Lei nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015. Institui o Programa de Combate à intimidação Sistemática (Bullying). Brasília: **Senado Federal**, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm. Acesso em 02 fev. 2021.

_____. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 16 dez. 2021.

CROCHIK, J. L.; SILVA, P. F.; FRELLER, C. C.; DE LIMA ALVES, L. S.; CARRELHO, A. C.; DALENOGARE, G. V. **Análise de concepções e propostas de gestores escolares sobre o Bullying**. 2014. Instituto de psicologia, Universidade de São Paulo, SP.

LOPES NETO, A. A. *Bullying: Comportamento Agressivo entre Estudantes*. **Jornal de Pediatria** - Vol. 81, Nº5(Supl), 2005.

LOPES NETO A. A, SAAVEDRA L. H. **Diga NÃO para o Bullying**. Rio de Janeiro: ABRAPI; 2004.

SANTOS, M. M.; PERKOSKI, I. R.; KIENEN, N. atitudes e medidas preventivas na percepção de professores e alunos do ensino fundamental. **Temas em psicologia**. Ribeirão Preto, v. 23, n. 4, p. 1017-1033, dez. 2015.

SILVA, A. B. B. **Mentes Inquietas**. TDAH: Desatenção, Hiperatividade e Impulsividade. 2009, Editora Fontanar. Rio de Janeiro, RJ.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Até quando? Bullying na escola que prega a inclusão social. **Educação**, [S. l.], v. 35, n. 3, p. 449–464, 2010.

TOKARNIA, M. **Brasil avança no IDEB, mas apenas ensino fundamental cumpre meta.**

Agência Brasil, RJ. 18 de fevereiro de 2020. Disponível em:

<https://euclidesdacunha.com/2020/09/18/brasil-avanca-no-ideb-mas-apenas-ensino-fundamental-cumpre-meta/> Acesso em 12 de set. de 2021.

Submissão: 07/07/2021

Aceito: 16/03/2022